

Boletim Internacional



Ano VI n° 31 08.09.2006

Metalúrgicos ameaçam com greve no México

Os mineiros e metalúrgicos mexicanos, dos quais o líder Napoleón Gómez Urrutia continua no exílio em Vancouver, Canadá ameaçam chamar uma greve nacional para exigir que o governo mexicano reconheça Gómez como o seu líder.

Os líderes sindicais fizeram esse anúncio depois que o secretário mexicano do Trabalho Francisco Salazar anunciou no final de agosto que ele estava reconhecendo a legalidade da remoção de Gómez Urrutia e a sua substituição por Elías Morales Hernández. No México, os dirigentes sindicais devem ser reconhecidos pelo governo, uma prática que viola as convenções que o país assinou na Organização Internacional do Trabalho(OIT).

O governo mexicano começou também a prender dirigentes sindicais leais a Gómez . Juan Linares Montufar, membro da executiva nacional do sindicato , foi preso quando se dirigia para participar das negociações convocada pelo secretário do Trabalho. O governo informou que havia detido outros sindicalistas leais a Gómez.

O governo mexicano acusa Gómez do desvio de dezenas de milhões de dólares do sindicato e o removeu da liderança. Gómez nega as acusações mas voou para Vancouver para evitar a prisão. Desde Vancouver ele continua a liderar a maioria do sindicato, apesar de que algumas organizações locais passaram para o controle de Morales Hernández.

Nos últimos anos Gómez evoluiu para um sindicalismo atuante, desafiando líderes governistas no Confederação do Trabalho e dirigindo seu sindicato em ações ativas contra o Grupo México e outros empregadores. Ele chamou de "homicídio industrial" um acidente mortal que acarretou a perda de inúmeras vidas na mina Pasta de Conchos no começo deste ano. Logo em seguida o governo mexicano o removeu de seu cargo no sindicato e o entregou a Morales Hernández, um homem próximo à maior companhia de mineração do país, o Grupo México.

Greves, paralisação do trabalho e outras formas de protesto exigindo a reintegração de Gómez pararam ou diminuíram ou cessaram a produção em diversas minas. A greve na siderúrgica SICARTSA, que já durava meses, foi resolvida mas as lideranças sindicais acrescentaram a reivindicação da volta de Gómez ao sindicato. Como o governo não satisfaz a exigência, os trabalhadores ameaçam voltar à greve.

O Grupo México fechou a mina Caridad, terminou os contratos e depois reabriu a empresa com antigos trabalhadores leais à companhia ou recém contratados. Desde então a produção move-se a passos de caracol.

No Estado de Coahuila, as relações entre diversas tendências no sindicato estão tensas e a violência pode eclodir a qualquer momento.

Traduzido de Mexican Labor News and Analysis, Agosto 2006, v.11 n° 8. O MLNA é produzido em colaboração pela Frente Autentica do Trabalho (FAT) do México e pelo United Electrical Workers (UE) dos Estados Unidos, com o apoio do Resource Center of the Americas em Minneapolis,USA. O MLNA pode ser visto na íntegra na página internacional do UE : www.ueinternational.org .

Estadísticas

Os salários dos trabalhadores mexicanos caíram 22% durante a presidência de Vicente Fox, de 2000 a 2006 conforme o CILAS, o Centro para Investigação e Consultoria do Trabalho, sediado na Cidade do México. Informações sobre salários no México podem agora ser encontradas em www.misalarario.org, que afiliada ao observatório holandês dos salários.

Avanços na Gerdau dos EUA

O United Steelworkers – Sindicato Nacional dos Siderúrgicos dos EUA e Canadá, nos informou de progressos na luta na Gerdau nos EUA. “A campanha da USW para fechar contratos justos e equitativos na Gerdau Ameristeel está surtindo efeito.

A USW e a Gerdau concordaram em retomar rapidamente as negociações em todas as sete usinas da Gerdau nas quais os contratos tenham expirado, num esforço geral para chegar a acordos em todos estes locais.

As usinas onde as negociações serão retomadas são Beaumont, no Texas; Wilton, em Iowa; Joliet, Illinois; St. Paul, Minnesotta; Kansas City, MO; Terth Amboy, N.J, e Sand Springs, Oklahoma.

Acordos preliminares

Esta retomada de negociações baseia-se em acordos preliminares obtidos em reuniões de alto nível entre a USW e a administração da Gerdau. Estas mudanças ocorreram em questões centrais que impossibilitavam que fossem feitos avanços nas usinas de Beaumont, Wilton e St. Paul durante diversos meses.

Embora ainda reste muito a ser feito nos sete locais onde ocorrem negociações, este movimento por parte da Gerdau em Beaumont, Wilton e St. Paul, juntamente com as reuniões semelhantes com relação a Perth Amboy, Joliet, Sand Springs e Kansas City, abre caminho para progressos e, assim esperamos, acordos provisórios em todas as locações.

O Segredo é a Solidariedade e a Unidade

Este movimento é claramente o resultado de uma notável união por parte dos membros da USW em todas as plantas da Gerdau, e da solidariedade de sindicalistas de nove países onde a Gerdau tem negócios.

Em uma batalha como esta, com uma agressiva corporação multinacional, nenhum sindicato local teria suportado a pressão que uma corporação como a Gerdau pode exercer. Solidariedade e união são os ingredientes principais, como ficou demonstrado nesta negociação.

Olhando para o futuro

A negociação será imediatamente reiniciada em sete locais. Não encerraremos nossas campanhas locais e internacionais de contrato até que todos os locais tenham conseguido acordos justos e equitativos.

Ainda resta bastante trabalho a ser feito, mas com força, persistência e solidariedade contínuas haveremos de concluir com sucesso este longo e árduo processo.” (USW, 01.09.2006)

Solidariedade aos metalúrgicos australianos



O Australian Manufacturing Workers Union (sindicato dos trabalhadores na indústria) está pedindo aos sindicatos e federações afiliadas à FITIM para que assinem em solidariedade aos técnicos de serviços a petição dirigida à Radio Rentals de Província de Adelaide . A companhia esta tentando suprimir dos trabalhadores o seu direito a negociação coletiva. A petição pode ser assinada “on line” na pagina do sindicato no endereço <http://www.amwu.asn.au/default.asp?action=petition&ID=10> . Basta colocar o nome e o endereço eletrônico do sindicato.

A petição diz :

“Prezada Administração da Radio Rentals,

Eu estou escrevendo para expressar o meu apoio aos 27 técnicos da Radio Rentals no Sul da Austrália. É uma grande vergonha ver uma companhia como a Radio Rentals danificar sua imagem publica negando aos trabalhadores o seu desejo de ter uma convenção coletiva e envolvida em táticas para reduzir seus direitos usando as terríveis leis sobre Relações Industriais.

Companhias como a Radio rentals deveriam estar dando exemplo de um bom empregador que respeita sua equipe e os trata como eles tem tratado os seus consumidores.

O seu comportamento para diminuir-lhes os direitos, negar-lhes uma convenção coletiva e introduzir contratos individuais deve ser imediatamente revertido.

Atenciosamente ”

Levantaram o bloqueio na Opel em Portugal

O entendimento alcançado entre a Comissão de Trabalhadores (CT) e a General Motors Portugal (GMP) para iniciar hoje uma nova ronda de negociações com a apresentação de novas propostas levou, ontem à tarde, ao levantamento do bloqueio dos quatro acessos da fábrica da Opel de Azambuja e ao retomar da laboração.

A CT sustenta que não se trata de qualquer recuo, mas de uma demonstração de que os trabalhadores estão disponíveis para negociar novas propostas. A GMP defende que a suspensão do bloqueio foi também um reconhecimento de que era um acto ilegal, garante que está pronta para iniciar negociações, mas continua a dizer que a oferta que fez "é muito boa".



Hoje, CT e GMP reúnem-se para uma apresentação formal dos seus representantes nas negociações e para a definição do calendário de reuniões, que já se sabe que vão prosseguir na próxima semana. Segundo Paulo Vicente, porta-voz da CT da Opel da Azambuja, tendo em conta que cada uma das partes rejeitou as propostas da outra, os trabalhadores esperam que surjam agora novas bases de negociação.

Ao mesmo tempo, o Fórum Europeu de Empregados (FEE) - estrutura que representa os funcionários das 11 fábricas da GM na Europa - resolveu delegar na CT da Azambuja a negociação de um "acordo-quadro" que poderá vigorar na fábrica portuguesa e noutras unidades que a GM se prepara para encerrar no continente europeu. Na terça-feira, a GM Europa rejeitou um conjunto de condições apresentadas pelo FEE e comunicou que não pretendia negociar mais esta questão com o Fórum.

GMP fez nota interna

Na quarta-feira à noite, os trabalhadores receberam uma nota interna da GMP, onde a empresa realçava as vantagens da sua proposta e prometia envidar todos os esforços para garantir a segurança e o regresso da fábrica à normalidade. "Por um lado, ameaçava, mas, por outro, também manifestava abertura para melhorar a sua proposta. Os trabalhadores deram a devida resposta. Demonstraram firmeza, mantendo o bloqueio durante a manhã, mas também abertura para o diálogo", observou o porta-voz da CT, frisando que as duas partes vão trocar novas propostas e que os trabalhadores esperam "melhorias" da empresa.

Nélson Silveira, porta-voz da GMP, sublinha, por seu turno, que o levantamento do bloqueio era "fundamental" para retomar as negociações e mantém a posição de que a proposta da empresa "é muito superior" ao habitual em situações similares.

O PÚBLICO teve acesso ao comunicado interno em que a GMP explica os contornos da sua proposta, que foi rejeitada pela CT na terça-feira e pela esmagadora maioria dos funcionários nos plenários de quarta-feira.

A empresa diz continuar esperançada em que "será encontrada uma solução socialmente responsável para a transição" dos cerca de 1150 empregados afectados pelo fecho da fábrica, em Dezembro próximo. Acrescenta que está disposta a compensar cada um dos empregados com 1,75 salários por ano de serviço (75 por cento acima do mínimo legal) e a conceder mais alguns benefícios como a continuidade e o pagamento por mais dois anos, após a data do despedimento colectivo, do subsídio escolar e dos prémios dos seguros de vida e de saúde.

A empresa sublinha, todavia, que esta proposta "está sujeita ao cumprimento do programa de produção, níveis de qualidade e segurança, bem como à execução atempada de todos os trabalhos necessários à transferência para Saragoça" e que, para receberem os tais 1,75 salários, os trabalhadores terão que se comprometer a cessar os contratos de trabalho até 21 de Dezembro, através de acordos individuais ou de despedimento colectivo, a manterem "a todo o tempo a paz social na empresa até à data de encerramento" e a aceitarem o trabalho suplementar que se revele necessário para o cumprimento do plano de produção.

Estas "exigências" suscitam muitas dúvidas entre os trabalhadores. Alguns referiram ao PÚBLICO que não conhecem quais são os objectivos do plano de produção e que, mesmo que venha a ser tudo devidamente quantificado, temem que a empresa, no final do prazo, se "agarre" a alguma questão para só pagar um salário por ano de serviço.

Nélson Silveira, da GMP, diz que este plano de produção não será discutido em público, mas com os representantes dos trabalhadores e que estas preocupações deverão ser abordadas no fórum próprio. (Jorge Talixa) (*Público*, 08.09.2006)

'Latinoamericana' : novo tempo no continente

Não há nada semelhante publicado nos últimos 20 anos. Com mais de uma centena dos mais importantes intelectuais latino-americanos entre os autores, a Enciclopédia de 1,4 mil páginas capta diversidade e tensões de uma abertura histórica.

Atenção! O leitor deve ser avisado, em nome de todos os manuais de jornalismo, que a seguir virá um artigo parcial, subjetivo, não isento e interessado. O autor do arrazoado abaixo é um participante do livro cuja resenha comete. Este aviso é feito por um dever de honestidade. A maior parte do que vai na imprensa é matéria interessada, mas inexistem avisos deste tipo.

É o seguinte: a imprensa não deu muita bola, mas a **Latinoamericana** (ou **Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe**), da Boitempo Editorial, é uma das maiores obras literárias dos últimos vinte anos no Brasil e no continente. Não há volume editado neste período, ao sul do Equador, a reunir nomes do quilate de Chico de Oliveira, Anibal Quijano, Álvaro García Linera (que após a edição fechada elegeu-se vice-presidente da Bolívia), Emir Sader, Atilio Borón, Ana Esther Ceceña, Mike Davis, Fernando Martínez Heredia, Flávio Aguiar, Iná Camargo Costa, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Marcio Pochmann, Margarita López Maya, Ricardo Antunes, Theotonio dos Santos, para ficarmos em alguns dos 123 autores de ensaios e verbetes.

Mas a importância maior da Latinoamericana não está nos números. Está no fato de ela ser uma obra dos tempos que correm. Não seria possível concebê-la e concretizá-la há uma década, quando o continente estava imerso no obscurantismo das idéias do fim da história, dos anos em que o altar do Consenso de Washington era o depositário incontestado de todos os sacrifícios feitos em nome da estabilidade fiscal e dos afagos aos investidores. Os países da região foram então reduzidos a "mercados emergentes", castrados em sua soberania e tornaram-se campos de prova das mais diversas experiências de ajuste macroeconômico. A enciclopédia não poderia vicejar num terreno desses. Ao contrário, ela é obra de um tempo em que a história se abre no continente.

Emir Sader lembra, na introdução, da marca de dois acontecimentos do ano de 1967, "emblemático no reconhecimento mundial do continente por dois acontecimentos, trágico um, glorioso outro". E cita a morte de Che Guevara, na Bolívia, que coincidiu com a publicação de Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez. São de fato acontecimentos luminosos, mas ambos crepusculares e melancólicos.

O assassinato de Che, por motivos óbvios, assinalou o início da derrota sangrenta da esquerda e do movimento popular no continente, cujos pontos definidores foram os golpes no Brasil, Chile e Argentina, num espaço de pouco mais de uma década. E o livro de García Márquez, embora marcasse mundialmente a existência de uma vigorosa narrativa original, a mesclar em vida e delírio os destinos e desastros continentais, assinalava o definhamento de uma dinastia crioula, a dos Buendía, no coração de um dos países mais cindidos pelas desgraças sociais da região, a Colômbia.

A Latinoamericana – o futuro tratará de evidenciar – é obra comparável, em sentido inverso, àqueles dois eventos. Primeiro, pela própria grandeza do trabalho. Historicamente, enciclopédia é obra de períodos em que a História se abre, ao contrário da conjuntura de quatro décadas, ou mesmo de dez anos atrás.

A **Enciclopédia original** – organizada por Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot entre 1751 e 1772 é, nas palavras de Eric Hobsbawm, um "produto típico do iluminismo do século XVIII". É fruto da arquitetura do racionalismo e do cientificismo, da tentativa de se explicar o universo em suas múltiplas facetas. Não representava uma síntese, mas uma coletânea de várias sínteses, uma espécie de livro dos livros, uma Bíblia da inteligência. É a obra, por excelência, que prenuncia a revolução industrial, a revolução francesa, com a decadência do antigo regime, e a chegada de uma nova classe ao poder político. Busca ser um facho contra as trevas e tabus do pensamento e da ação.

Se o romance é, no dizer do marxista húngaro Georg Lukács (1885-1971), a epopéia burguesa, a enciclopédia é sua razão. O primeiro é a síntese do indivíduo diante da História, somente interpretado em sua inteireza quando a burguesia irrompe na cena, com seus dramas de homens e mulheres que tentam fazer-se a si mesmos. A Enciclopédia, por sua vez, capta o momento imediatamente anterior. Inexistia um projeto claro de revolução burguesa, o que havia eram

Números

Seus números são impressionantes. Poderiam ser anunciados como feitos de algum candidato a governador. A enciclopédia possui 980 verbetes, 1.040 fotos, 95 mapas e 136 tabelas, 21 gráficos e fichas com dados gerais sobre cada país da região. Concentra-se nos últimos 50 anos da história do continente e encerra um conjunto de quase 1.400 páginas, escritas por autores mais de 20 países. Além disso, é graficamente exuberante.

contradições e esgarçamentos no tecido social. A Enciclopédia não era síntese, pois foi fruto de um tempo da condensação racional ainda em construção. É antes uma antologia de sínteses totalizadas em cada tópico particular. Também não é produto do gênio isolado, como o de um Balzac, mas de um imenso coletivo variado e plural, em seus 28 volumes originais. São mais de 130 autores, entre os quais Voltaire, Montesquieu e Rousseau. Logo no primeiro tomo, Diderot refere-se à tarefa empreendida. "Quando se considera a matéria imensa de uma enciclopédia, a única coisa de que nos podemos aperceber distintamente é que ela não pode ser obra de um só homem. Como é que um só homem, no curto espaço de tempo da sua vida, conseguiria conhecer e desenvolver um sistema universal da natureza e da arte?"

Paralelos históricos são sempre inexatos, mas a comparação aqui é inescapável. A América Latina sai das trevas neoliberais ainda tateando no escuro. Mas é a região do globo na qual as tensões da História mais se agudizam. Aqui o modelo neoliberal foi aplicado in extremis. E é também o local onde a reação social a ele surgiu com mais vigor. Neste canto do mundo aconteceram as revoltas da água, a reação de massas aos planos de ajuste, a eleição de governos a contestar no todo ou em parte o modelo neoliberal, como Hugo Chávez, Evo Morales e Nestor Kirchner. Na região também há a busca por um iluminismo conceitual, que restitua aos povos o direito de pensar em alternativas e colocá-las em prática.

Apelemos para as palavras do cientista político inglês Perry Anderson. Em uma conferência proferida em Havana, em 2003, ele analisava os impasses regionais: "Aqui e somente aqui, a resistência ao neoliberalismo e ao neo imperialismo conjuga não apenas o cultural, senão o social com o nacional, quer dizer, comporta uma visão emergente de outro tipo de organização da sociedade e outro modelo de relações entre os Estados. Em segundo lugar – e este é um fato usualmente esquecido – é a única área do mundo com uma história contínua de transtornos revolucionários e lutas políticas radicais há um século. Nem na Ásia, nem na África e nem na Europa encontramos equivalentes à cadeia de revoltas e revoluções que marcaram a experiência singular latino americana, a qual, há um século, vem dando conta de novas explosões que se sucedem a derrotas".

Social e politicamente, poder-se-ia comparar a Latinoamericana com o ciclo iniciado com a rebelião zapatista no México, em 1994, e que teve no movimento dos Fóruns Sociais Mundiais – nascidos no Brasil sob as bênçãos da administração petista de Porto Alegre – o impulso para a criação de uma atmosfera menos rarefeita ao debate. (...)

O lançamento da Latinoamericana marca o período do ressurgimento da Política com inicial maiúscula. Da Política feita a quente, nas ruas, como na Argentina de 2001, na Venezuela de 2002 e na Bolívia de 2005. É o tempo em que os governos mais identificados com o estuário neoliberal colheram aberta derrota nas urnas. Gente como Carlos Menem, Alberto Fujimori, Fernando Henrique Cardoso, Gonzalo Sánchez de Lozada enfrenta hoje situações que vão do ostracismo a ordens de prisão. Enfim, são anos de resistência dispersa. Embora tenham sido eleitos numa maré de negação dos modelos de ajuste estrutural, existe pouca unidade programática entre os novos dirigentes continentais neste início de século XXI. Não há sínteses construídas, mas há convergências em formação.

A Latinoamericana é a obra desses embates. Não é um dicionário da região, pois não há nela uniformidade de estilos, abordagens ou enfoques, embora haja unidade editorial. Cada verbete é um ensaio, desde a dissecação de grandes temas – Trabalho, Literatura, Cinema, Riqueza, Música, Mídia, Energia, Esquerda etc. – e países, até os tópicos mais específicos, como biografias, instituições e acontecimentos. Tampouco é uma "Barsa de esquerda", como escreveu um jornalista, na tentativa de desqualificar a obra. A lógica dessa gente é a seguinte: há os trabalhos "imparciais" e os de esquerda, que seriam sempre subjetivos e distorcidos. Falta de folhear atentamente o volume. O que mais há são informações e dados checados e rechecados por vários revisores. E isso não a torna um volume que "reúne dados sobre a América Latina", no dizer de outro resenhista de caderno cultural. Informação e opinião fazem o combustível e o dinamismo de uma obra viva, positivamente contraditória em si e imprescindível para quem deseja realizar um mergulho na exuberância política e social do continente.

Organizada fundamentalmente por Emir Sader e Ivana Jinkings a Enciclopédia Latinoamericana não é um livro. É a marca e a definição de uma caminho sem roteiro pré definido. Virão novas sínteses? Dependerá das tensões sociais e políticas representadas e interpretadas nessas centenas de páginas. (Gilberto Maringoni) (*Carta Maior*, 07.09.2006)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos
Metalúrgicos – CNM-CUT
Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
<http://www.cnmcut.org.br>